

Coisas Velhas

(Vid. *O Arch. Port.*, xxii, 107-169)

94. — Anta de Val de Moura

Tendo estado em Evora em 1895, ouvi lá dizer que havia uma anta em Val-de-Moura, que fica, supponho eu, no concelho de Evora.

95. Castelo dos Moiros (Ansiães)

Em Fevereiro de 1896 disseram-me que numa vinha situada ao pé do *Castelo dos Moiros*, arredores de Celouros¹ (Carrazeda de Ansiães), apparecera uma pedra, que pela descrição que me foi feita, era cipo ou ara romana, e tinha letras na frente, e relevos num dos lados (estes relevos eram provavelmente uma *patera* ou um *praefericulum*). Destruíram-na porém! — Nos campos vizinhos havia tambem apparecido, num buraco, um pucaro de barro com moedas de prata dentro, as quais, pelas informações, eram denarios. — No *Castelo* ha, dizem, muralhas, «figuras» de pedra, etc. — Em bem poucas palavras se traça a historia antiga de uma localidade: epoca pre-romana (*Castelo dos Moiros*) e romana (monumento lapidar, ceramica e moedas); mas tambem não é preciso muito para ver quanto é ignorante e estúpido quem tudo estraga sem pudor!

96. Braga romana

Da minha carteira n.º LXII extraio algumas notas que tomei em Braga em Março de 1896 acêrca de antiguidades romanas da mesma cidade:

a) Nas costas da capela de S. Geraldo ha, como é sabido, uma lapide de granito com uma inscrição consagrada a Isis, já várias vezes copiada: *Corpus*, II, 2416; *Religiões da Lusitania*, III, 342; aqui reproduzo um texto que, no que toca á separação dos vocabulos, é melhor que os publicados (fig. 93).

Linha 1. A última letra de AVG parece C, mas confrontando-a com a da 3.ª, vê-se que é G.

Linha 2. Depois de FIDA não se vê *hedera*. Ha umas falhas no granito, não constituem porém *hedera*.

¹ Nos dictionarios escreve-se *Selores*, mas eu ouvi pronunciar *-ouros*. Escrevo com C-, e não com S-, por motivos filologicos.

Linha 4. Entre CONVENTVVS e BRAC ha espaço de uns 0^m,14. Também aí não distingo *hedera*. O espaço já de si separava as palavras.

Altura das letras 0^m,09 (na 1.^a linha), 0^m,075 (na 2.^a), 0^m,07 (na 3.^a), 0^m,065 a 0^m,067 (na 4.^a).

b) A antiga *Congosta da Palmatoria*, onde estão duas lapides com inscrições, já também várias vezes publicadas, está hoje transformada em quintal, junto do muro da cêrca do Convento dos Remedios. A uma das lapides, àquella que, por causa de uma insculptura que contém, semelhante a uma palmatoria, deu nome á congosta ou rua, apuseram a seguinte nota: «Foi achada 14 palmos neste licerse, anno 1751».

c) Numa demolição, junto da Casa dos Barros, appareceram soterrados dois aureos de Honorio. Em Santa Tecla (vulgo *Santa Trega*) appareceram varios denarios, já da Republica, já do Imperio. Na Rua de El-Rei, antiga R. do Coelho, appareceu uma talha de barro, de que vi um fragmento de 0^m,70 a 0^m,80 de altura, o que permite supor que o vaso teria esta fôrma: fig. 94; dentro havia milhares de moedas romanas de cobre (bronzes minimos), a mor parte com o nome de Constantino, outras porém com: CRISPVS NOB CAES, LICINIVS. . N, FL CL IVLIANVS, FL IVL CONSTANTIVS NOB, DN VALENS, CONSTANTIVS P F AVG, DN THEODOSIVS, VALENTINIANVS, DN GRATIANVS (citei ao acaso).—Na esquina da Rua de Santa Maria, nos alicerces de uma casa, appareceram muitos sestercios (bronzes maximos) de Hadriano e de outros imperadores, em melhor ou pior estado.—É freqüente apparecerem moedas romanas em Braga, e de algumas se tem dado noticia no *Archeologo*, por exemplo, no vol. v, p. 86.

d) A R. de Santa Maria péga com a de El-Rei. Aí appareceram restos de canalizações: vi tres troços de barro, que ligados davam o seguinte corte: fig. 95; altura 0^m,13; largura em cima 0^m,06; em baixo é um pouco maior.

e) Da inscrição do *Bonus Eventus*, que se lê uma lapide da R. do Coelho ou de El-Rei, e que tem sido publicada várias vezes, tomei a seguinte cópia: (fig. 96).

Na linha 1.^a ha SÆ.

Na linha 5.^a só se vê a haste vertical da 3.^a letra, que devia ser P. Letras irregulares. Campo da inscrição: 0^m,26 × 0^m,185.

A lapide está embutida numa coluna, e caiada de branco.

(A título de curiosidade notarei que de *Bonus Eventus* deu um autor portuguez antigo a seguinte tradução portuguesa: «o Bom Acontecimento»; vid. a minha edição dos *Emblemas de Alciati*, emblema 78).

g) Para o estudo da muralha romana ha um elemento na demarcação que se indica em um documento manuscrito de 1184. Informação do D.^{or} José Machado.

f) Ao pé da Porta Nova appareceu em tempos uma lapide de granito que hoje está no Campo das Carvalheiras e copiei assim (altura das letras: 0^m,08 a 0^m,10): fig. 97; cf. *Corpus*, II, 2440. O meu desenho difere levemente do do *Corpus* na disposição do 2.^o e da 2.^a linha; além d'isso dou a fôrma da pedra.

h) No quintal da casa de Fernando Castiço ha um tanque rectangular de granito, de 5^m,33 de comprimento, 3^m,97 de largura, e 1^m,86 de profundidade *plus minus*, o qual represento esquematicamente na fig. 98. A parte *a-b-c-d* levanta-se um pouco acima da



Fig. 94



Fig. 95

DEO SÆ
NCTO EV
ENTOF L
FRONTO
EXIRAE
CEPTO

Fig. 96



Fig. 97

restante: o chão d'essa parte é coberto de tijolo e ainda em certos pontos forrado de mosaico; a parede do lado de *a-c* é tambem forrada de mosaico, que assenta em tijolo. O tijolo assenta na pedra (granito). Os desenhos ainda existentes consistem em peixes de várias côres. Merecia a pena conservar este fragmento, porque não sei de outros mosaicos apparecidos em Braga. Ao cavarem o referido quintal, appareceram: pedaços de tijolo grosso; dois tijolos quadrados, de 0^m,17 de lado; um pedaço de *opus Signinum*, como os que apparecem em Troia de Setubal.—Fernando Castiço era erudito e tinha gôsto da Arqueologia e Numismatica: por isso o tanque de que falo estava resguardado por um coberto, e havia nas paredes do quintal várias inscrições romanas, que Albano Bellino estudou numa obra sua, vinda a lume em 1895. O quintal era um nucleo de museu.—Quem porém superintende na administração pública de Braga parece que

pouco se importa das nobrezas do passado, porque nem soube aproveitar estas antigualhas, nem as que depois Bellino oferecia a Braga. Ficou assim sem museu archeologico a capital do Norte. E que rico museu ela podia ter! Um dia virá, sim, a fundá-lo, porque a luz do Progresso ha-de chegar lá, mas então já muita cousa se terá perdido ou dispersado. Era melhor ter começado cedo, e ir por partes¹.

i) Copiei assim uma inscrição que está numa lapide da Casa do Avelar: fig. 99; cf. *Arch. Port.*, II, 123. O desenho dispensa comentario paleografico. O texto é: *Arquius, Viriati filius, c(enturia) Agripia, h(ic) s(itus) s(epultus), est. Melgaecus, Pelisti (filius), monume(ntum) co[lloc]av[it]*. A haste que está dentro do C (l. 6.^a) poderia fazer crer que este valia C I, mas será antes elegancia do C como no



Fig. 101



Fig. 98



Fig. 99



Fig. 100

G e no Q.—O tanque do pateo da mesma casa constitue um museu lapidar: tantas são as lapides romanas que aí puseram! Pelo menos cinco fragmentos e um trôço de estátua. Aqui reproduzo, na fig. 100, outra das inscrições: cf. *Arch. Port.* II, 118.

j) Em poder do S.^{or} D.^{or} José Machado vi uma rodela convexo-concava de vaso de barro, envernizado do lado concavo, e com uma inscrição aí gravada depois de cozido o barro (*graffito*): vid. fig. 101, de tamanho natural. Leio *N(umerii) Ursi(i)*. O nome gentilicio *Ursius* aparece mais vezes na Peninsula: por exemplo numa inscrição de *Olisipo*, duas vezes, *Corpus*, II, 256. Em vez da interpretação que dou (*praenomen e nomen*), outras podiam dar-se que tivessem

¹ Já depois de escrito isto, eu soube que o mosaico havia sido destruído.

por base *Ursus* ou um seu derivado. *Ursus* é corrente na epigrafia peninsular. A rodela é feita de um fundo de vaso, e appareceu na Rua do Colegio, proximo do quintal de F. Castiço, de que acima falei, e onde tambem se encontraram, como vimos, antigualhas romanas; estava a uns 3 metros de profundidade junto de uma tosca columna de granito, cilíndrica.—Anos depois o S.^{or} D.^{or} José Machado offereceu-me este objecto, que está hoje no Museu Etnologico. Acêrca de rodela semelhante vid. *Hist. do Mus. Etn.*, p. 185.

k) Junto da igreja da Senhora a Branca appareceram sepulturas de marmore de fórma de caixões (não pias). Vi algumas lousas. Seriam de certo sepulturas romanas ou visigoticas.

l) As duas inscrições que existem na parede externa do Hospital de S. Marcos, de IOVI PRO SALVTE, e de REBVRRVVS, foram achadas *in situ*, em alicerces de casas. No claustro do Hospital ha outra inscrição, que foi achada aqui mesmo em 1762: vem já no *Corpus*, II, 2442, mas sem o desenho da estrela de seis raios que a acompanha, e só com a indicação. Em 28 de Agosto de 1885 appareceu entre uns entulhos de um cano de esgôto, ao lado da igreja matriz de S. João do Souto, uma inscrição já várias vezes publicada: *Religiões*, II, 333; vid. tambem o que escreveu Pereira Caldas no semanario bracarense *A Abelha*, n.º 3, de 6 de Setembro de 1885.

*

Tanto com os restos archeologicos (muralha, esculturas, inscrições, ceramica, moedas, etc.), como com o que dizem os textos, podia recompor-se num estudo a nobre BRACARA AUGUSTA. Se se quisesse ascender mais acima, ou descer mais abaixo, haveria tambem bastante que dizer da *Bracara pre-romana* (nome indigena: *Bracara*; *Bracari*, nome etnico; *Bracarus*, nome de homem; cultos locais: *Tongus Nabiagus*; objectos prehistoricos), e da *Braga dos Suevos e Visigodos* (cf. *Religiões*, III, 545 sgs.; moedas barbaras; onomastico geografico de origem germanica, etc.).

97. Santa Victoria de Extremoz

Na aldeia de Santa Victoria, concelho de Extremoz, na herdade de Ferreiros, pertencente a Graça Zagalo, está, ao que me dizem, enterrada uma povoação. E parece que se encontram por lá fragmentos de barro arretino.—Nota tomada em 1896 (carteira LXIII, p. 44).—Cf. *O Arch. Port.*, XVII, 248.

Depois d'isto, em 1915, iniciou o Museu Etnologico importantes excavações no local, dirigidas por Luis Chaves.

98. Ervedal

Junto do Ervedal, concelho de Avis, consta que apparecem restos romanos (colunas, etc.).

Nota tomada na mesma occasião (ib., ib.). Com isto combinam as investigações que depois fiz: vid. *Religiões* III, 620.

99. Antas dos arredores do Ervedal

Entre a Figueira (povo) e o Ervedal, concelho de Avis, no sitio da Coutada do Penedo, ha duas antas.

Na herdade de S. Martinho-Escola, a uns 50 passos da estrada que vai do Ervedal para Extremoz, junto da extrema da herdade de Val-de-Baio, ha outra anta.

Notas tomadas em 1896 (ib. ib.).

Depois d'isso, em 1912, estive no local das duas primeiras antas: vid. *O Arch. Port.*, XVII, 286.

100. O Museu da Figueira da Foz em 1896¹

Tendo visitado mais uma vez o Museu da Figueira em Agosto de 1896 (cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 318), tomei as seguintes notas nas minhas carteiras LXIV e LXVI.

Á entrada ha um terreiro gradeado e arborizado; e aí vê-se armada uma anta, com a sua camara (sem tampa), galeria ou corredor e parte da mamôa, tudo dentro de um ripado de madeira, protegido por arvores.

Vestibulo do Museu. Tem por titulo: ANNEXO Á SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA. Á esquerda de quem entra estão duas sepulturas rectangulares, armadas: uma de lajes de calcareo toscas, com esqueleto dentro,—vinda do cemiterio arcaico de Ferrestêlo (Maiorca); outra, feita de tegulas, tambem com o seu esqueleto, e tudo dentro de uma caixa envidraçada. Ao pé está uma *olla* cineraria romana, com um *unguentarium* de vidro, achado dentro d'ela; e estão varios vasos da mesma epoca, anforas, etc. Pelas paredes: fotografias das ruinas de Milreu, e de outras antiguidades algarvias.— Á direita: esculturas cristãs, inscrições, e outros objectos, como leitos, brasões, retratos.

1.^a Sala. Contém espécimes de industrias concelhias: ceramica, tanoaria, carpintaria, palha, marinha, ferragens, latoaria, artefactos de pesca.

¹ Cf. supra n.º 48 (1894).

2.^a Sala, que constitue a SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA, contém antiguidades de varias epocas:

a) Vasos de barro arretino; mosaicos romanos dispostos em quadros; restos ceramicos das excavações de Porto-Sabroso; restos romanos, ceramicos, das ruinas de Espadaneiro. Muitos restos romanos de varios lugares do Algarve: ceramica (Búdens, Bensafrim, Marim, Faro); vidros de uma necrópole de Bensafrim; objectos metallicos (pregos¹, anzoes, armas, fibulas: de Bensafrim, Marim, Búdens); um amuleto (dente encastado) de Búdens². Um busto de pedra. Espolio do cemiterio da Marateca, dado pelo D.^{or} Rocha como luso-romano: cf. o que ele escreveu n-*O Arch. Port.*, II, 68 sgs.

b) Esculturas várias: santos, capiteis.

c) Moedas romanas, arabicas, portuguesas e estrangeiras; condecorações e medalhas.

d) Loiça nacional (boiões de botica, tinteiros, molheiros, pratos, vasos de flores) e de outras procedencias.

e) Colecção do leques e de travéssas do cabelo.

f) Ferragens, candieiros, estribos (num grupo), espetos, lampeões.

g) Pergaminhos com musica.

h) Um mostrador com coisas várias: caixas de rapé, rosarios, castiçais, vidros, loiças, sinetes, armas.

Móveis de pau preto (contador, leito); cadeiras antigas; colecção de pesos e medidas de bronze portugueses; azulejos.

Está tambem nesta sala um mostrador pequeno com objectos romanos do Algarve: um instrumento de ferro (*culter coquinarius*), pedaços de barro arretino, tijolos que o D.^{or} Rocha desenhou n-*O Arch. Port.*, I, 206.

Pelas paredes: tapetes, quadros, lanças.

3.^a Sala, ou DE COMPARAÇÃO (Etnografia moderna). Objectos dos indigenas da America, da Asia e das nossas possessões africanas: armas, idolos, esteiras, etc. Objectos portugueses: cartão com garfos e colléres; uma *cucharra* de Miranda; cartão com objectos de maritimos, de cortiça, e pesos de pedra e de barro.

4.^a Sala, ou DE PREHISTORIA. Armario 1.^o: aluviões quaternarias de Fontela; um instrumento paleotico; cranio com começos de

¹ Já mal conservados, mas, envernizados com «verniz de carpinteiro» para não acabarem de se deteriorar; e dispostos paralelamente uns aos outros em tabeleiros.

² Publicado depois nas *Religiões da Lusitania*, III, 529.

trepanação, apparecido na anta de S. Amaro, com uma faca de sílex; moldagens de varios crânios e outros objectos. Armario 2.º: percutores, nucleos, lascas de instrumentos neolíticos. Armario 3.º: muitos instrumentos e lascas. Armario 4.º: colar de contas, e fragmentos de chapões de lousa ornamentados; instrumentos de osso; de pedra (facas, setas, punhal, lanças); machados; percutores. Armario 5.º, ceramica: vasos inteiros; fragmentos de outros; cacos ornamentados. Armario 6.º: muitos instrumentos de pedra polida, sendo alguns bastante grandes (0^m,20 de comprimento). Armarios 7.º, 8.º e 9.º: crânios e ossadas humanas. Armario 10.º: espolios de Santa Olaia. Armario 11.º: espolios do Crasto (Brenha). Estas duas últimas estações, que pertencem ao periodo de *La Tene*, foram, depois de novas excavações, magistralmente estudadas pelo D.^{or} Santos Rocha na *Portugalia*, t. II, num trabalho de que se fez separata com titulo de *Estações pre-romanas da idade do ferro*, Porto 1908, provido de muitas illustrações.—Na mesma sala ha: uma inscrição turdetanica da Fonte Velha de Bensafirim, que, a convite de Rocha, publiquei em 1897 n-*O Arch.*, III, 185, e que é de certo o objecto mais raro do Museu; o fragmento de uma tampa sepulcral da idade do bronze, que, com permissão do mesmo illustre archeologo, publiquei tambem n-*O Arch.*, XI, 188-189; um mostrador com contas de vidro e objectos de pedra de Bensafirim.

Alguns dos objectos estão agrupados geograficamente, como os do Crasto, que se vêem todos juntos em um armario. Outros estão agrupados segundo as semelhanças da fórma: machados de pedra ao pé de machados de pedra, setas ao pé de setas, facas ao pé de facas, artefactos de osso ao pé de artefactos de osso, e assim por diante,—o que, se facilita a comparação artistico-industrial, destroe a unidade historica.

O Museu abre-se ao publico ás 4.^{as} feiras e Sabados. Na occasião da minha visita, muita gente se acotovelava para entrar. Entram 20 pessoas de cada vez. Ha á entrada um livro em que os visitantes inscrevem o seu nome.

Este Museu é uma gloria de Santos Rocha, que lhe dedica a sua intelligencia e os seus meios de fortuna.

101. Antiguidades dos arredores da Figueira

Na mesma occasião em que visitei o Museu da Figueira (1896), onde o D.^{or} Santos Rocha tinha accumulado tantas provas de patriotismo e de saber, visitei varios locais que circunvizinham a cidade. Aqui transcrevo o meu *diário* (carteira LXIV, p. 15 sgs.).

a) *Dolmens das Carniçosas.*

Vi dois: o primeiro consta de camara e galeria, uma e outra dentro de um grande monticulo artificial, grande na altura e no ambito, protegido hoje por um pinhal. Avulta logo de longe. A distancia de menos de 100 metros avista-se outro monticulo, que contém restos do 2.º dolmen. Devia haver aqui uma necropole prehistorica, destruida na mór parte pelo trabalho da cultura da terra.— O sitio é alto, e chama-se *Carniçosas*. O D.ºr Santos Rocha estudára estes dolmens nas *Antiguid. da Figueira*, p. 18.

b) *Varzea do Lirio.*

Esta estação havia sido igualmente estudada pelo D.ºr Santos Rocha, *ob. cit.*; p. 53 sgs., 137 sgs. e 223 sgs. A minha visita foi rapida. Á superficie do terreno apareciam restos minimos e insignificantes de instrumentos ou lascas de silex.

c) *Dolmen do Cabeço dos Moinhos.*

Num alto, á vista do mar, e a cavaleiro da povoação da Brenha. Só resta em pé uma lage da camara.— Junto estava uma pedra avulsa, de calcareo, de uns 0^m,31 de largura, que tinha insculpidos uns traços cruciformes (cruz irregular), tais como se mostram na fig. 102.— Este dolmen fôra igualmente estudado por Santos Rocha, *ob. cit.*, p. 14.

d) *Crasto e vizinhanças* (cf. supra, § 100, 4.ª sala).

O Crasto fica sobre Buarcos ao pé do Casal da Serra: tem no alto um cabeça (atêrro) artificial, mais ou menos explanado, séde de antiga povoação. O Crasto era defendido naturalmente pela ribanceira.



Fig. 102

Por todo ele aparecem cacos, alguns de caracter bastante arcaico. Na encosta appareceu, e veio para o Museu Ethnologico, metade de um machado neolitico, que mede de comprimento 0^m,093, e tem secção quadrangular; o gume está poído, o que mostra que o objecto serviu de polidor ou brunidor, depois de ter sido instrumento cortante: o D.ºr Santos Rocha cita outro nas mesmas circunstancias, *Antig. da Figueira*, por exemplo, a p. 26, fig. 19.ª, e p. 28, fig. 34.ª Tenho encontrado noutros pontos do país muitos instrumentos de caracter semelhante. Cf. já Carlos Ribeiro, *Estudos Prehist.*, I, 19.

Continuando a andar, encontram-se várias ondulações. A 2 kil. fica o Casal da Serra. Á entrada, ao lado da estrada rial da Figueira, ha um sitio chamado a *Mamoinha*. O povo da localidade não liga ao nome a ideia que este primitivamente exprimiu, pois diz que ele resultou de haver *moinhos* ao pé. Ora *mamoinha* designa um *tumulus* que

cobria um dolmen, e aqui deve ter existido ou existe um.—Na povoação do Casal da Serra obtive para o Museu Etnologico um machado prehistorico: vid. fig. 103: tem de comprimento 0^m,15, secção sub-quadrangular, gume, e topo oposto, mais ou menos esmoucados.

Adiante fica o sitio do *Praço de S. Amaro*, na freguesia de Quiaios, em meio da Serra, num descampado. Aí vi um marco divisorio, de calcareo, que sobresaía do chão uns 75 centímetros, e tinha de largura uns 38: vai desenhado na fig. 104. As letras significarão *P(raço) De B(aixo?)*. A cruz é não só um enfeite facil e natural, mas encerra virtudes anti-demoniacas que muito convem aproveitar num caso como este: cf. o que no § 1 foi dito de marcos antigos. Mais adiante ha tres monticulos artificiais (terra e pedregulho), distanciados entre si alguns decametros. Á mesma distancia fica a capela de S. Amaro, junto á qual houve, como me disseram, um dolmen num monticulo; hoje não se vê, parece que o enterraram mais. A propria capela, que é moderna, ergue-se em uma ondulação de terreno. Ao longe avista-se a aldeia do Casal da Serra; em baixo,

o mar. Era tambem aqui uma necropole prehistorica. Onde ficaria a respectiva povoação? Talvez no Casal da Serra.—Não ha por ali sitio nenhum com o nome de *castro*, nem vi geitos.—O descampado tem, como disse, o nome de *Praço de S. Amaro*, mas



Fig. 104



Fig. 103

ha nomes secundarios, correspondentes a subdivisões do local: *Val de S. Amarinho*¹, *Val do Fadanheira*², *Val dos Covões*, VAL D'ANTA. Este último é o mais significativo, porque denota que houve ali uma *anta*, ou dolmen, hoje já não existente. Para diante da capela, ao Norte, vê-se outro monticulo.

Ao todo, temos pois ali noticia de cinco dolmens: os tres monticulos ou «mamoinhas», o dolmen da capela, e o que está representado pela designação de *Val d'anta*. Se o monticulo em que está a capela foi tambem uma «mamoinha», podemos pois acrescentar mais um dolmen.—O D.^{or} Santos Rocha estudára estes sitios na citada obra, p. 123, etc.

¹ *Val de S. Amarinho* deve explicar-se por «valzinho de S. Amaro», pois claro está que o deminutivo se applicou ao sitio, e não ao santo.

² Provavelmente é a alcunha de um antigo proprietario.

102. Chapão de lousa da anta de Tolosa

Numa anta, ao pé de Tolosa, concelho de Nisa, appareceram varios objectos, e entre eles dois chapões de lousa ornamentados, que foram ter ás mãos do S.^{or} D.^{or} Antonio A. Duarte Silva, da Figueira da Foz, o qual fez o obsequio de me oferecer um (1896), que reproduzo na fig. 105. Os ornatos são geometricos, e só de um lado; o chapão tem em cima um orificio para se pendurar.

Os chapões de lousa são, no meu entender, amuletos prehistoricos: *Religiões*, I, 155 sgs. Vid. o que tambem escrevi a respeito d'elles n-*O Arch.*, XI, 338 sgs., onde citei exemplares apparecidos na Hespanha em locais confinantes com a Beira-Baixa. Já depois d'isso L. Siret publicou outros nas *Religions néolith. de l'Ibérie*, Paris 1908,

est. VIII-X. Ultimamente os archeologos hespanhois descobriram mais na região de Albuquerque, que péga com o Alemtejo: Hernandez Pacheco & A. Cabrera, *Pinturas prehistóricas*, Madrid 1916, p. 10-11: os AA. estão de acordo comigo (*O Arch. Port.*, XI, 341) em attribuirem os chapões ao periodo calcolitico. De facto tem apparecido com eles, em Portugal, objectos de cobre. O S.^{or} Cabré, *Arte rupestre gallego y port.*, Lisboa 1916, p. 22, n. 1, é que os julga da epoca



Fig. 105



Fig. 106

em que não havia ainda metais: mas ele de certo não leu o que eu escrevêra no citado lugar d-*O Archeologo*. A respeito da semelhança que varios archeologos tem estabelecido dos nossos chapões e dos de Hespanha com os de Chipre, devo dizer que já em 1900, como consta dos meus apontamentos de viagem d'esse ano, eu observára na secção IV do Museu de Viena d'Austria (*K. K. Naturhistorisches Hof-Museum*), ao pé de uma janela, em uma sala da «epoca do Bronze», uma figura de barro que lá ha, ida de Chipre, e escrevêra a proposito no meu caderno: «lembra as nossas placas de lousa, com forma humana», e até a esbocei (fig. 106). Como porém não me chega o tempo para publicar todos os materiais que constantemente cõlho, outros indagadores se me antecipam muitas vezes na publicação de materiais seus, iguais ou analogos aos que eu já tinha.

103. Capela de Santa Olaia

Adiante de Maiorca, á direita da estrada que leva a Montemór, fica um morro, chamado «Castelo de Santa Olaia», onde ha uma

capela nua, com vasto horizonte de campos verdes, Maiorca numa planície, Verride e Revéles em montes. Estive lá em Agosto de 1896. Mão desconhecida havia escrito a lapiz numa das paredes da capela os seguintes versos, em que ha muita devoção e pouca arte:

Sant'Eulalia, Mãe SS.^{ma},
 Dos lavradores protectora;
 Dae-me tambem protecção,
 Não me abandoneis, Senhora,

os quais são, no estilo, semelhantes aos que costumam entoar-se nas romarias. Efectivamente faz-se aqui uma romaria anual, em 15 de Agosto.

Tanto no adro da capela, como nos campos proximos, aparecem fragmentos de telha de rebôrdo ou *tegulas*. Acêrca do castro ou Castelo de Santa Olaia, vid. supra, § 100, 4.^a sala.

104. Montemór-o-Velho

De Santa Olaia fui a Montemór. A estrada da Figueira a Montemór é entre campos verdes, e em muitos pontos frondosamente arborizada de cada lado, o que dá a ideia de se ir a caminhar por uma alameda de jardim ou de quinta de recreio. Era dia de feira, e formigava muita gente pelas ruas da vila de Montemór. Tudo descalço, homens e mulheres. Os homens do povo quasi todos de barba rapada; as mulheres freqüentemente de chapeliño, e vestidas de preto.

Porta ogival que vi em Montemór: fig. 107.

Na igreja dos Anjos, atrás da tribuna, está o tumulo (de calcareo) do guerreiro Diogo de Azambuja, falecido em 1518. No tumulo figura-se o heroi, com suas vestes e armas, e um letreiro comemorativo das façanhas que cometeu: fabricação do Castelo da Mina, tomada de Çafim aos Mouros, de Alegrête aos Castelhanos. Quem tanto lutou pela patria, jaz ali quasi esquécido, ou esquécido de todo, a um canto da igreja do convento que ele proprio fundára. Como Portugal é pouco cioso da gloria dos seus filhos!—Na inscrição tumular notei uma curiosa fórmula de linguagem, *Altel* por «Alter»¹.

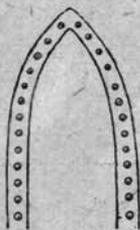


Fig. 107

¹ Como este fenomeno de *-el* por *-ér* ha outros na lingua popular: *Xaviel*. Tambem ha *-il* por *-ir*: nomes germanicos em *-mil* (*Leomil*).

105. Maiorca (cf. § 103)

Á volta parei um pedaço em Maiorca¹. Por estes sitios a gente é de pele clara e por vezes còrada. Notei muitas pessoas de olhos verdes². Tanto em Maiorca como no vizinho *casal*³ de Anta abundam teares. Os pesos de teares são de pedra, e curiosos, por terem fôrma de coração, e alem disso desenhos gravados neles e letreiros que exprimem saudações, como «viva!», «só a ti amo», e designam datas e nomes de pessoas. O coração fôrma um ornato correntissimo na arte popular, porque representa o amor, e o amor é um dos sentimentos mais vivos da alma portuguesa⁴. Trouxe dois pesos de Maiorca para o Museu Etnologico⁵. O povo põe freqüentemente nas suas cousas um pouco de arte. Não admira que os pesos prehistoricos, que apareceram no «Castelo» ou castro de Pragança, fossem tambem muito enfeitados.—Todas estas observações eu fiz em 12 de Agosto de 1896, como consta da minha carteira n.º LXIV, pp. 47 e 63. Ouvindo-m'as em seguida na Figueira, foi que o falecido Pedro Belchior da Cruz procurou e adquiriu varios pesos em Maiorca, os quais deu a lume na *Portugalia*, I, 378, onde honradamente se refere ao Museu Etnologico, embora não especifique o de que acima falo, talvez porque os rotulos haviam caído. Como eu estudo activamente Etnografia desde 1876⁶, raramente se publicará sobre este assunto cousa em Portugal de que eu não possua já algumas noticias; o que acontece, é estar em grande parte ainda inedita a minha colheita, e avantajarem-se-me outros na data da publicação. Digo isto apenas para que não pareça que, salvo advertencia em contrário, sou eu quem vem depois, quando quasi sempre acontece o inverso.—Tornemos a Maiorca, A designação de *Anta*, dada ao *casal* onde havia os teares, entra na mesma cate-

¹ O povo explica a palavra por uma lenda em que alguém diz, por opposição á terra vizinha: *Maior, cá!* Todavia o etimo, conquanto da mesma base ideologica, tem outra explicação: vid. as minhas *Lições de Philologia*, p. 155.

² Acêrca da còr do olhos verdes (e azuis) cf. o que escrevi no meu livro intitulado *O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa*, Lisboa 1910, p. 17 e nota 2.

³ Com *casal* designa-se por aqui uma «povoação pequena». Corresponde a *quinta* em certas zonas de Trás-os-Montes e Beira-Alta.

⁴ Os potes da agoa na Figueira tem no bojo uns desenhos que tambem representam corações.

⁵ Vid. *O Arch. Port.*, III, 122, § 82; cf. os meus livros *De Campolide a Melrose*, p. 41-42, e *Hist. do Museu Etnologico*, p. 418. Devo notar que foi por equívoco que, nesta última obra, a proposito da fig. n.º 189, disse que o peso era da «Estremadura»; devia dizer que era de «Maiorca».

⁶ Vid. *Trad. pop. de Portugal*, Porto 1882, p. xi.

goria que *Val d'Anta*, de que falei no § 101: é pois o ultimo eco da existencia de um sepulcro prehistorico, ou certamente de uma necropole, naquelle local.

106. Moeda visigotica

Num ourives em Coimbra, vi em Agosto de 1896 um triente visigotico em que se lia $\frac{\text{CHINTILA} \dots (\text{busto})}{\text{ISPALI PIVS} \dots (\text{busto})}$, provavelmente achado pelos arredores.

107. Balas do tempo dos Franceses

Aparecem muitas pela Serra do Buçaco, onde as tropas de Massena, em 1810, foram derrotadas pelas anglo-lusas. Ha outros locais de batalhas da mesma epoca onde aparecem balas semelhantes, por exemplo nos arredores da Rôliça (batalha de 1808). — Tanto da Rôliça como do Buçaco se guardam algumas d'estas balas historicas no Museu Etnologico (1896).

108. Crato

Informaram-me, em 1896, de que no sitio da Granja, proximo da estação ferroviaria do Crato, apareceram sepulturas dispersas, que continham ossos desfeitos e vasos de barro. — Provavelmente sepulturas romanas.

109. Alvega e Mouriscas

Numa quinta do Rev.^{do} Severino Ferreira de Sant'Ana, ao pé da igreja de Alvega, a uns 17 kilometros de Abrantes; apareceram moedas romanas, mosaicos, pedras de lagar, e tijolos grossos, estes ultimos em tanta quantidade, que até ha aí uma courela chamada *dos Tijolos*.

Do outro lado do Tejo, na frêguesia das Mouriscas, concelho de Abrantes, em uma propriedade denominada *Aldeias*, apareceram muitas sepulturas romanas, parece que feitas lateralmente de tijolos, e cobertas de tampas de pedra. Duas d'estas sepulturas tinham lapides com inscrições.

Informações do S.^{or} Severino Marques, ao tempo (1896) estudante da Escola Medica de Lisboa (hoje é medico).

*

As duas lapides a que acima me refiro obtive-as depois para o Museu Etnologico, por intermedio de Severino Marques. As respectivas inscrições foram publicadas nos *Additamenta nova* ou 4.^o *Supplementum* do *Corpus*, §§ 22 e 23, por Hübner, a quem eu, como ele declara, as tinha enviado.

J. L. DE V.